

Ceilândia dos bares, igrejas e migrantes

M. Cavalheiro

Igrejas e botequins convivem lado a lado, com larga vantagem para quem vende cachaça e desvantagem para quem prega a ressurreição de Cristo. Por brasilidade ou falta de alternativas, joga-se futebol constantemente. Por hábito e vocação nordestinos, proliferam as feiras, compra-se, vende-se, troca-se de tudo. Mais de 7 mil camelôs vendem todo tipo de quinquilharias. Meninos brigam por frutas na "Feira do Atacado". E quando a noite cai, grupos de quatro, oito, dez garotões buscam a "mela" — pasta de coca, xodó do momento entre os consumidores — em bares e quebradas onde, na versão de um policial, mata-se e morre-se virtualmente por banalidades como um pisão no pé ou uma respeitosa cantada em namorada alheia. "A Ceilândia é a autocritica da Brasília", diz, andando por esses caminhos, um jovem de 25 anos.

Com 18 anos de idade, cerca de 600 mil habitantes e apenas 30% das ruas pavimentadas, a cidade bateu um estranho recorde: este ano, inusitadamente, contaram-se 50 dias sem um homicídio. Mas a calma logo foi quebrada por duas mortes num mesmo dia. "Aqui, mata-se por pouco", constata o delegado Angelo Neto, da 15ª DP, ilustrando a informação com um dos inquéritos em curso. "Havia duas moças sentadas, sozinhas, em uma mesa de bar. Um homem chegou, sentou-se e pediu para ficar com elas. Disseram que estavam acompanhadas, e ele foi para o balcão. Os namorados chegaram, uma das garotas contou o que aconteceu. O homem morreu com nove facadas".

Lazer escasso

Os jovens queixam-se da absoluta falta de alternativas de diversão: além dos bares e dos campos de futebol, tudo que há são 25 quadras de futebol-de-salão e vôlei. As quatro únicas cestas de basquete foram destruídas. O administrador regional, Jorge Roberto Ferreira, preocupa-se com isto. "Precisávamos de uma boa boate, de um grande clube", diz.

Ele se preocupa, também, com a imagem negativa que a cidade carrega. Na verdade, garante, a violência não é tanta como reza a fama. "A criminalidade aqui é menor do que a do Plano Piloto ou a do Gama", jura, sem deixar de se referir às mazelas que a miséria produz constantemente em Ceilândia. Afora as citadas, restam duas opções de recreação para a juventude. Uma delas é as ruas de lazer, embaladas pela música de microempresas de som. Mas a opção não é muito segura: "Eles fazem isto sem autorização, sem comunicar ninguém. E aí a coisa termina em briga, tiro, facada", lamenta Ferreira.

A alternativa, também eventual, é os bailes do Quarentão, um salão comunitário cedido pela Administração a instituições beneficentes. Ali, onde, também às vezes, tiros são disparados há outro motivo de apreensão: a prostituição de meninas "a partir dos 12 anos", conta Ferreira. "Não há um ponto específico. Elas se espalham pelos bares. Os donos concordam porque isto atrai freguesia", esclarece o delegado Neto, assinalando que este ano houve até uma redução no índice de criminalidade.

Mesmo assim, e ainda que a má fama seja exagerada, o medo é quase uma presença física nas ruas depois que escurece. A saída das aulas, na Fundação Bradesco, às 23h00, um grupo de meninas foge do repórter. Outras ficam e não precisam de mais que uma palavra para explicar o que as assusta. "Isto", diz uma jovem de 17 anos, apontando com os olhos para um grupo de robustos rapazes que de repente as cerca, com ares agressivos, mas termina por se afastar sem qualquer ato ou palavra. Elas vão direto da escola para casa. Queixam-se do medo e do tédio. Além do estudo, tudo o que há para fazer é trabalhar, se houver emprego.

Um dos grandes problemas de Ceilândia, que se reflete tanto na violência e no elevado consumo de drogas como na proliferação de banquinhas de camelô, é a inexistência de um mercado de trabalho compatível com o porte da cidade. A renda per-capita só é maior, no Distrito Federal, que a de Brasília. É seis vezes menor do que a do Plano Piloto e três vezes menor do que a do Guarã.

Sem emprego, migrantes como Reginaldo Bandeira dos Santos, um adolescente que deixou a Paraíba, dois anos atrás, em busca de vida melhor, arranjam qualquer coisa para vender e assim vão vivendo. Reginaldo vende bolsas na feira de Ceilândia Centro, onde se aglomeram mais de 300 tendas, formando um teto quase ininterrupto, baixo, que obriga o transeunte a baixar a cabeça enquanto se esgueira por estreitos corredores, entre sapatos e bolsas, roupas, relógios e brinquedos.

Para o administrador Ferreira, é um pouco pela falta de trabalho e de dinheiro, e um pouco por hábito nordestino, que as feiras se tornaram uma das marcas registradas da cidade. Só pela feira coberta, transitam, entre cerca de 450 bancas, cerca de 150 mil pessoas a cada fim de semana. Pelas outras grandes feiras — P. Norte, P. Sul e Setor O —, circulam em torno de 2 mil compradores por semana — basicamente, também, no sábado e no domingo, pois nos dias úteis poucas tendas funcionam. E há, em feiras-livres itinerantes, mais de 10 mil barracas.

Fotos: Jorge Cardoso



As tendas das feiras livres formam um teto quase ininterrupto e alegram as ruas da Ceilândia